

O IRMÃO AUSENTE

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i40p306-312>

Vera Chalmers

RESUMO

O livro é uma busca pelo irmão alemão. O protagonista é Francisco Hollander, homônimo de Francisco Buarque de Holanda. O livro é um gênero híbrido entre documentação e ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Chico Buarque; Literatura; Ficção; História; Vídeo.

ABSTRACT

The book is a search for the German brother. The protagonist is Francisco Hollander, namesake of Francisco Buarque de Holanda. The book is a hybrid genre between documentation and fiction

KEYWORDS: Chico Buarque; Literature Fiction History; Vídeo.

O

livro “Meu irmão alemão”, de Chico Buarque é o relato de uma busca, a qual caminha para a solução de um enigma, um segredo familiar. No livro, a solução se dá ao final de forma ambígua. No relato do narrador protagonista intervém o encarte de cartas particulares e documentos oficiais fidedignos, os quais comprovam a legitimidade da busca de um irmão a princípio, imaginário, que vai tomando concretude. O protagonista, Francisco Hollander, homônimo da pessoa do escritor, é uma persona de Chico Buarque, cujas aventuras vão do “ladroão mequetrefe” da adolescência ao voyeur de sites pornô na maturidade, tal um trickster contemporâneo.

A trama da narrativa começa pela descoberta ocasional de uma carta de Anne Ernst dentro de um livro da biblioteca de Sergio Hollander destinada ao pai do protagonista, datada de 22 de dezembro de 1933, a qual escrita em alemão precisa ser traduzida. A descoberta do documento privado dentro do livro “O Ramo de Ouro” leva o protagonista a pistas falsas para resolver o enigma do paradeiro do irmão alemão, de quem ouvira falar sussurrado em segredo na casa, um filho de seu pai quando jovem jornalista na Alemanha, antes da guerra. O nome do pianista Heinz Bogart mencionado na carta como possível pai adotivo da criança de nome

Sergio, foi mencionado em outro livro “Surrender or Demand”, como refugiado de guerra talvez no Brasil. De posse destas informações obtidas por acaso, o protagonista lança-se na busca de Anne Ernst. Muitas peripécias sério cômicas depois, Francisco julga ter encontrado Anne Ernst na casa do pianista Henri Beauregard.

A carta em fac-símile é um documento privado de família, porém propicia as conjecturas do protagonista a respeito do paradeiro do irmão alemão. Os equívocos da busca do protagonista constituem o objeto da ironia do autor implícito, fundado na competência dos arquivos particulares e oficiais fidedignos, os quais vão sendo apresentados à medida que prossegue a narrativa da busca de Sergio. O interesse da narrativa está no falso pela ação desordenada que Francisco imprime à busca do irmão alemão.

No capítulo 11, a documentação facsimilar encontrada por acaso no livro *“Martírio di San Gennaro”* na biblioteca do ilustre Sergio Hollander: um bilhete dentro do envelope pardo da legação alemã, datado de 21 de setembro de 1932, e um recibo de cento e cinquenta mil-réis da mesma legação em nome do pai, datado de 3 de abril de 1933, a carta não assinada do pai, datada de 31 agosto de 1932, faz a narrativa mudar de rumo, a figura do pai é resgatada por Francisco. O encarte facsimilar irrompe logo após a cena sério cômica do acalanto cantado com o vozeirão do pai logo após a ingestão do apfelstrudell e da libação do Liebefraumlch enviado por Mme Michelle Beauregard. A pista falsa é desmascarada depois do protagonista examinar a foto da verdadeira Anne com o filho Sergio guardada na gaveta da mãe Assunta. De posse dos dados dos arquivos encontrados, o protagonista prepara o próximo lance do jogo, facilitado pela mãe que o observa envolvido na busca obcecada por Sergio. Assim ao comparar Michelle à foto de Anne, a pista falsa é percorrida até o fim e descartada.

O documento oficial datado de 21 de setembro de 1932 da alegação ao pai e o recibo datado de 3 de abril de 1933, e a cópia sem assinatura que o protagonista traduz do alemão, conferem legitimidade a busca de Sergio, ao mesmo tempo em que expõe o falso da sua conjectura até então, confere ambiguidade ao relato da procura equivocada do protagonista. O livro oscila entre a documentação legal e o jogo inverossímil da ficção, tramada por acasos e coincidências. O interesse da

ficção está nas pistas falsas que constituem a narrativa da busca pelo irmão imaginário nos documentos, a medida que a narrativa prossegue até a solução do enigma proposto pela carta de Anne Ernst. Adiante, no capítulo 14, o protagonista recupera os documentos de seu pai, apreendidos na batida policial em busca de Tricita, namorada de Ariosto, são rascunhos de cartas manuscritas datadas de 1936 e 1937, dirigidas ao tutor da Câmara Municipal de Berlim de 1936, que tratam das certidões que comprovem a descendência ariana do menino Sergio Ernst, autoridade já tem a prova de arianismo da mãe da criança para a adoção, mas falta ainda a documentação do pai Sergio Hollander. A fidelidade das cartas encontradas na gaveta do desaparecido Domingos Hollander, irmão de Francisco, é comprovada pelo encarte facsimilar das cartas sem assinatura, mas cuja identidade pode ser comprovada pela má cursiva do pai escritas em alemão.

Logo após a morte do pai, os bibliófilos começam a rodear a mãe de Francisco. Assunta preserva a biblioteca com desvelo, mantendo viva a memória do pai, apesar dos olhos já tomados pela catarata. Assim, continua à espera da volta de Domingos, desaparecido 1973 e se sobressalta cada vez que toca a campainha. Francisco ampara a mãe, quando cega, até a morte. Com a morte de Assunta e do pai e o desaparecimento do irmão, a família dos Hollander se desagrega e dá início a decadência da biblioteca, com as prateleiras devoradas pelo cupim, as traças e a poeira. O Francisco ocupa o quarto de Domingos, e passa o tempo na espreguiçadeira no escritório do pai a volta com os livros. Logo percebe que para se manter como leitor precisa se desfazer da biblioteca. Então, sem patrocínio procura Natércia casada com o reitor, e propõe a venda da casa e da biblioteca. Enquanto duram as tramitações da proposta de venda ele se envolve com Natércia e cria um blog para ensinar gramática do português, o qual é seguido por seguidores ignorantes e agressivos. Um jornalista contemporâneo de seu pai acusa o gramático e o blog de destruir a memória de Sergio Hollander.

Uma noite Natércia apareceu com um computador gasto, instalou a internet e cria a página “Aprimore a sua redação com o professor Hollander”. Francisco começa a trabalhar, mas logo abandona os livros pelos sites de relacionamento e os sites eróticos. Então, começa a procurar Domingos nos endereços de médiuns de diversas tendências, tarólogos e videntes, pois julgava-se possuído pelo espírito de

Domingos. Depois acredita estapafúrdia a hipótese do falso vidente, de o irmão perambular pela periferia da Grande São Paulo desmemoriado e volta ao trabalho. Estava absorvido nesses afazeres quando a campainha toca e reconhece com dificuldade Udo, que entrega uma carta timbrada, datada de 1934, a que Francisco dera falta quando a pasta de documentos do pai guardado no quarto de Domingos foi devolvida por um portador da Secretaria da Justiça. O documento facsimilar fecha o capítulo 16 com a tradução da carta da autoridade alemã de 24 de setembro de 1934, a qual comunica que Sergio Ernst foi adotado por um casal de sobrenome Günther e dá o endereço do casal, NO 50, Greifswalder Strasse 212/13, pátio 2.

No dia 20 de maio de 2013, o protagonista entra no avião com destino a Berlim. Lá chegando, hospeda-se no Hotel Adler da década de trinta, restaurado no estilo original da época. Vai em busca do endereço dos Gunther, mas a casa não existe mais. Desapontado encontra uma Tasca espanhola que oferece vinho e tapas e senta-se a mesa junto a uma mesa de aposentados que comentam o lipsi, dança original da Alemanha Oriental, para concorrer com o rock ocidental. Quando começam a comentar o futebol o protagonista se aproxima como torcedor do Santos, fala do Pelé e é convidado a sentar-se à mesa, mas o grupo vai se desmantelando e fica só o Wolfgang Probst, museólogo e pesquisador a quem o protagonista fala de sua busca do irmão alemão e as dificuldades de encontrá-lo na região. Wolfgang Probst propõe a ajudá-lo pois ali perto da igreja do bairro, Immanuel Kant, há um arquivo o qual deve guardar documentos dos frequentadores da igreja luterana do bairro. No dia seguinte, chega a resposta a consulta de Probst, mas o nome do filho do casal Gunther é Horst, não é Sergio como supunha o protagonista. No hotel, ele faz uma busca pela internet e só consegue obter imagens de sites pornôis. Decepcionado, toma um táxi a caminho do aeroporto. No táxi, pergunta ao taxista se conhece o lipsi. O taxista fala da cantora do CD que ouvem no carro acompanhada de um cantor. Francisco pega a capa do CD e descobre que o cantor é Sergio Gunther. Grita, “Hallo!, achei meu irmão. Está ouvindo?”. Wolfgang Probst procura os companheiros que trabalharam na TV na qual Sergio Gunther foi apresentador, repórter e cantor. Depois de fazer uma busca, encontra Robinson, antigo repórter da TV que conheceu Sergio Gunter na TV DRA.

Ele acompanha o protagonista ao galpão onde antes funcionava a TV e o levaria aos arquivos onde poderia encontrar material filmado e gravado sobre Sergio Gunther e assim termina a busca do irmão alemão.

Continuando o desenlace é narrado no modo dubitativo, não é afirmativo, do final feliz. O resultado da busca fica ambíguo e a identidade do irmão alemão fica em suspenso no livro, mas ao final há o devaneio de Francisco do encontro de Sergio com a moça de saia rodada a beira do rio Spree, cantando uma canção da qual ele reconheceria os versos, não sabe de onde: “Dizem! Que em algum lugar! Parece que no Brasil! Existe um homem feliz!”

Ao contrário do desfecho de Chico Buarque no vídeo “Artista brasileiro”, cujo epílogo mostra o artista frente a uma tela que projeta a imagem de Sergio Gunther num estúdio, a cantar à beira do Spree para a moça da saia rodada, e finalmente Chico Buarque é presenteado com um disco de Sergio Gunther e diz “Encontrei meu irmão alemão”. Para o autor do livro, foi mais interessante terminar a narrativa da busca do irmão alemão em suspense, sustentado seu volume publicado pela “Nota” final que expõe o resultado da busca pelo pesquisador e historiador João Klug e do musicólogo Dieter Lang, que identificaram o irmão alemão de Francisco Buarque de Holanda. O livro finalmente é um gênero híbrido de documento e ficção. A breve biografia de Sergio Gunther afinal é um tributo a memória do irmão ausente.

REFERÊNCIAS

A foto da capa – Chico Buarque. Para Todos. 1993.

<https://open.spotify.com/track/67CI8YSGx2KwLEJCSDqJqz?si=SbSxrQ2NS8WgllI5ZVylxQ&context=spotify%3Aalbum%3A4Ca6ooD3SfRMrl6pwIQ2xX>

Chico Buarque em Potsdam

<https://youtu.be/4SaZOeLDQmk?si=SgfBnMTDDIW2amMo>

Chico: Artista brasileiro

<https://www.netflix.com/br/title/81484018?s=a&trkid=13747225&trg=wha&vlang=pt&clip=81484673>

BUARQUE, Chico. O irmão alemão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

Quem era o IRMÃO ALEMÃO de CHICO BUARQUE? Entrevista com João Klug
https://youtu.be/E6rMzFCEYNE?si=CzRjiFCOxRaWMYg_

Vera Maria Chalmers. Trabalho na UNICAMP, onde sou Professora Colaboradora, no Departamento de Teoria e História Literária do IEL. Pós Doutorado, 1982-1984, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França. Livros publicados: *Três Linhas e quatro verdades* (1976); *Telefonema-Antologia dos textos jornalísticos de Oswald de Andrade* (1979); *Telefonema* (2007). *Escritas Libertárias*. São Carlos: EDUFISCAR, 2017.